

A sustentabilidade e o pragmatismo energético

Estudos mostram, claramente, que a redução da miséria está ligada, principalmente, ao maior consumo de energia elétrica e que, ao aumentar este consumo, melhora o IDH das nações.

O acordo de Copenhague (2009) identificou duas questões cruciais para a humanidade: primeiro a necessidade das nações atenderem aos desafios das mudanças climáticas e, segundo, a necessidade dos países menos desenvolvidos reduzirem a miséria e a pobreza.

Estudos mostram, claramente, que a redução da miséria está ligada, principalmente, ao maior consumo de energia elétrica e que, ao aumentar este consumo, melhora o IDH das nações. O desafio é enorme, segundo a Agência Internacional de Energia – IEA, pois, no mundo, existem 2,56 bilhões vivendo com menos de US\$ 2 por dia; 1,3 bilhão sem acesso a energia e outros 2 bilhões com consumo limitado. Existem ainda 2,7 bi que continuam cozinhando com energias poluentes.

Antes de Copenhague, momentum das mudanças climáticas, a ONU havia definido suas Metas do Milênio visando, com apoio financeiro dos países desenvolvidos, reduzir a miséria mundial.

Pois a primeira meta da ONU – reduzir a metade extrema pobreza que havia em 1990, em 2015 foi atingida. Praticamente sem o dinheiro prometido, a miséria diminuiu em todo o mundo, mas foi na China que isso ocorreu de forma mais significativa.

A China reduziu de 84% em 1981 para 13% em 2008, o número de pessoas que viviam com menos de 1,25 US\$/dia, tirando, segundo o Banco Mundial, 662 milhões da pobreza.

A redução da miséria passou por um programa de universalização do acesso a energia elétrica e a construção de infraestrutura básica.

O consumo de energia elétrica de 1985 a 2003 cresceu cerca de 1.500 TWh (80% a carvão). Essa revolução foi movida a carvão. Durante o período 1980-2008 o consumo anual de carvão cresceu de 626 milhões para 2,7 bilhões e hoje chega a 3,4 bilhões.

Hoje, um chinês consome cerca de 2700 kWh/per capita, um pouco mais que o um brasileiro e metade de um país desenvolvido como Espanha. Essa revolução gerou emprego e renda e transformou a China em potência mundial.

No ano da Rio +20, o mundo está diferente. O alarmismo climático começa se desmistificado pelos seus mais contundentes defensores, a recessão bate a

porta dos países europeus, a palavra de ordem é desenvolvimento e empregos.

Até o discurso ambiental muda, foca-se mais nos empregos verdes do que nas mudanças climáticas, visando surfar na onda da sustentabilidade. Mas, pragmaticamente, a energia fóssil continua sendo aquela que suporta o desenvolvimento do planeta e que tira as pessoas da miséria.

Na indústria do carvão são 7 milhões de empregos no mundo além dos empregos relacionados como a indústria do cimento, aço, geração de energia e transporte. Uma enorme cadeia produtiva de emprego e renda. A tecnologia associada a essa indústria cada vez mais diminui o impacto ambiental a custos suportados pela sociedade. Não esqueçamos os mais deprimidos e a sua Sociedade devem poder pagar pela energia consumida.

O combustível esquecido e estigmatizado é o que mais cresce no século XXI sendo o combustível da sustentabilidade. Mesmo os mais aquinhoados e tidos como verdes, continuam consumindo e fazendo usinas termelétricas a carvão. Vide os 12 GW em construção na Alemanha.

Nesse verde e imenso Brasil em desenvolvimento, de invejável matriz de energia renovável, por conta de uma política energética focada em reduzir o CO₂, coloca-se a sua maior fonte energética fóssil no limbo. As térmicas são discriminadas como caras e sujas, esquecendo-se que essas máquinas, que são despachadas ao apertar um botão sob a nossa ordem, são a garantia de energia firme para o nosso desenvolvimento sustentável.

Hoje, no momento que estamos com falta de água no sul, com hidroelétricas paralisadas e presos por um fio ao sudeste, roga-se a Deus para que chova e que fique pronta uma nova linha de transmissão para 2013.

Estão fazendo falta os 700 MW a carvão que estariam em construção e que estariam gerando 3 mil empregos em uma região pobre com a metade sul do Rio Grande do Sul, se em 2009, sob o momentum de Copenhagen, não houvesse sido cancelado o leilão A-5.

Creio que uma boa dose de razão deve aflorar nas discussões sobre a matriz energética brasileira, aonde venha a ser dado o peso equivalente para as quatro dimensões: segurança energética; meio ambiente; modicidade tarifária e o desenvolvimento econômico e social.

Tenho a certeza de que no mundo da Rio + 20 os dignitários dos países que mais crescem no mundo, como China e Índia trarão o exemplo de como usar seus recursos intelectuais e naturais para tornar seu países mais sustentáveis, com políticas não discriminatórias aos combustíveis fóssil, especialmente aquele que é o mais importante para suas sociedades, o carvão mineral.

Fernando Luiz Zancan

Presidente da Associação Brasileira do Carvão Mineral.